

O MINEIRO QUE TRAZ FELICIDADE

(Regina Carvalho)

Foi em 1994 que defendi minha dissertação de mestrado, intitulada *O Amor e o Amendoim (características poéticas da obra-solo de João Bosco)*, sob orientação de Maria Lúcia de Barros Camargo. Os três anos de estudos e de pesquisa para a consecução desse trabalho acadêmico fizeram com que as pessoas com quem convivi na época me identificassem totalmente com João Bosco. Se encontro alunos que não via há anos, me dizem que cada vez que ouvem Bosco se lembram de mim, o que, se me parece meio injusto para com o artista mineiro, me é afetivamente gratificante, é claro.

Na dissertação, analiso as canções do compositor de Ponte Nova, cidadezinha da zona da Mata de Minas Gerais, a região mais pobre de Minas, próxima à Bahia. Analiso, porém, apenas aquelas canções em que ele fez letra e música, e a partir única e exclusivamente da escuta. Considerava – e ainda considero – que, diferentemente do poema chamado de erudito, que se sustenta sozinho, elaborado que foi para isso, a letra de música só se realiza ao ser cantada, e é aí que deve ser analisada: em execução, levando-se em conta os sentidos que adquire com as modulações de voz do/a intérprete e mais o arranjo e a entonação que lhe são emprestadas pelos instrumentos ou até mesmo pela ausência deles. “João do Pulo”, por exemplo, que trabalha a mutilação que o acidente rodoviário causou ao nosso atleta campeão olímpico é cantada à capela, isto é, só com a voz humana. Sem nenhum instrumento, e isso lhe empresta incrível pungência, pela solenidade que dá e pela exposição aguda da dor.

Fiz todo um levantamento da obra de João Bosco de Freitas Mucci, nascido aos 13 de julho de 1946, sob o signo de Câncer, portanto. E fiz ainda o levantamento de suas parcerias, de sua vida. Assisti a vários de seus shows, às vezes duas ou três vezes seguidas, comparando a reação do público ao mesmo espetáculo, reação nem sempre igual, dependendo da data e do acaso da frequência. Visitei-o no camarim após os espetáculos, num exercício consciente de tietagem, que foi bastante proveitoso para entender certos aspectos da carreira do artista. Pude vê-lo exausto, depois de um espetáculo particularmente estressante – som que deu problemas, público meio difícil, calor em excesso – ouvindo pacientemente abobrinhas de adolescentes tolas que nada sabiam de sua obra, ou de peruas curiosas sobre seu rompimento com Aldir Blanc, acontecimento já bem antigo. Sorridente, simpático, embora não muito expansivo, como quem se submete a um ritual não muito agradável, mas necessário.

Realizamos duas entrevistas, em que detalhes deliciosos de seu processo criativo foram expostos, e dos quais o mais interessante foi o relato detalhado de como compôs Dodô (CD *Na onda que balança*, 1994) a partir da escuta de uma composição de Miles Davis para um enteado de Miles, menino americano com o nome francês de Jean-Pierre, composição que Miles baseou numa cantiga de ninar francesa chamada “Dodô”. A partir daí, Bosco narra uma fantástica aventura pelo universo de criação de um artista de talento extraordinário, aberto a qualquer influência e sopro de inspiração.

A cada espetáculo assistido, maior a admiração pelo talento inigualável de um ser humano cuja sensibilidade musical o leva para os caminhos mais inesperados da chamada *world music*, pois é assim que o classificam internacionalmente. Da carreira, de suprema importância na MPB, ficam marcos inesquecíveis da história de nosso país:

“O bêbado e a equilibrista” (apelidada “o hino da anistia”), “O mestre-sala dos mares”, “Tiro de Misericórdia”, “De frente pro crime”, “profissionalismo é isso aí”, “Os malabaristas do sinal vermelho” e tantos outros. Ficam algumas obras-primas do amor romântico: “Papel Maché”, “Jade”, “Memória da Pele”, “Desenho de Giz”, “das dores de oratórios”, “O amor quando acontece”. Algumas letras absolutamente geniais: “Jade”, “Granito”, “Corsário”, “As Minas do mar”, “Cabeça de Negro”, “Viena fica na 28 de setembro”... Algumas, só dele; outras, em parceria.

Fazer o acompanhamento exaustivo de uma carreira desde a sua primeira gravação (*João Bosco*, 1972) até a última (*Obrigado gente*, 2007) esclarece muitos aspectos do crescimento de um violonista autodidata que “desafina” o violão para tocar da forma incomparável como o faz – a ponto de conseguir tirar peças como o *Bolero*, de Ravel, transmutada para o jeito característico de Bosco: “Bolerando com Ravel”. Mostra mais ainda: mostra o desenvolvimento de um cantor correto, mas sem grandes recursos, dono de uma voz de pequena extensão, até chegar a um intérprete que faz o que quer com a voz, a ponto de torná-la mais um instrumento – passa da entonação normal para o falsete como quem brinca; modula, torce, reitera, empresta-lhe ironia, pranto, angústia, malícia... O amigo e padrinho de casamento Scliar, o pintor, dizia que João é um trabalhador incansável. Sem dúvida ele o é: tudo que no show parece fluir com a maior espontaneidade e leveza é fruto de um treinamento paciente e tenaz. Bem pensado, bem ensaiado, com repertório da maior qualidade e músicos de excelência – caso contrário, o show terá apenas João, banquinho e violão, e não precisa de mais nada. Sairá perfeito.

O show cuja observação mais detalhei ocorreu em 30 de novembro de 2000, uma quinta-feira. Casa lotada, como sempre. Choveu forte durante quase todo o dia, mas na hora do espetáculo garoava – *molha bobo* persistente e chata. Duas ou três *vans* pararam na frente do Centro Integrado de Cultura, o CIC, em Florianópolis, trazendo pessoas de outras cidades para vê-lo: Joinville, Itajaí, Blumenau...

João Bosco é discreto na forma de divulgar seu trabalho. Faz shows quando há disco novo, raramente em outras épocas. Do CD que lançava naquela data, *Na Esquina*, quatro ou cinco composições constavam do programa. As outras eram de épocas variadas, escolhidas e elencadas com a minúcia cuidadosa de sempre. Alterna-se o novo com o conhecido, o romântico com o sarcástico, o brincalhão com o sério, de modo que o espetáculo corra sempre animado. E assim João é: ele seduz o público e o mantém seduzido, refém de seu carisma e de seu talento, das dez até meia-noite, incluindo-se aí o bis obrigatório. Em alguns momentos faz apresentações, conta piadas, utiliza seu conhecido agradecimento com sotaque mineiro (*brigado, gente*) que arranca risadas deliciosas do público, que está ali pra isso – para ser cúmplice dele naquilo que lhe é característico, deliciosamente, maliciosamente característico.

Os músicos que o acompanharão entram primeiro, num palco quase às escuras: percussão, como sempre aquele que acaba se destacando mais entre os músicos da banda, pois na MPB a percussão é da maior relevância; bateria, teclado, guitarra e baixo. João entra em seguida, expondo o conhecidíssimo perfil, o nariz do descendente de árabes, o *Turquinho* de Ponte Nova, o filho do libanês Daniel. Sobre ele incide o primeiro holofote. E declama, entonação normal, de quem conversa: “Se disparada pelo amor/ palavra bala/ Na boca do ditador/ toda palavra cala/ Quando não se quer ouvir/ palavra mala/ Quando não se faz sentir/ pobre palavra rala”.

São versos de “Mama Palavra”, parceria de João e de seu filho Francisco, Francisco Bosco, no CD *Na esquina*, o segundo que fazem juntos. O primeiro, *As Mil e uma aldeias*, não ficou lá muito bom, decepcionou um pouco. Mas o *Na esquina* mostra um grande avanço na parceria, está realmente bom. Todos os boscomaniacos que conheço gostaram – e somos muitos, persistentes, fiéis... e por isso exigentes, às vezes cruéis na crítica. Não apreciamos *As mil e uma aldeias*, apesar da competência musical de João. Cochichamos uns para os outros que esse caminho familiar não iria dar certo, tememos pelo ídolo. E o ídolo, sempre à nossa frente, tratou de nos desmentir. E nós não nos zangamos, não: somos meio masoquistas, neste ponto, e adoramos que ele faça isso conosco.

(Visto retroativamente, e na perspectiva do que se seguiu, chego à conclusão de que foi um investimento de Bosco no talento que percebia em Chico. Mas resulta que *As Mil e uma aldeias* é um CD sem características, meio anódino, dentro de uma produção que tem cara e marca o tempo todo. Chico Bosco reconhece isso. Declarou, em entrevista que me concedeu por email, que suas letras aqui estão ainda muito próximas do poema escrito.)

Nesse show, o de 2000, a seqüência nos conduz ao CD *Zona de fronteira* (Columbia, 1995), obra-prima composta com Waly Salomão e Antônio Cícero. Revisitamos “Holofotes”, composição na linha pós-moderna do CD: “dias sem carinho / só que não me desespero/ rango alumínio/ ar, pedra, carvão e ferro/ eu lhe ofereço/ essas coisas que enumero/ quando fantasio/ é quando sou mais sincero”. (E eu cochicho para a amiga que me acompanha: adoro esses dois últimos versos, tá tudo aí!)

E de vários CDs renascem lindamente “Ronco da Cuíca”, “Odilê Odilá”, “Zona de Fronteira”, “Metamorfose”, “Ditados”, “Nação”, “Na esquina”, “Desenho de Giz”.

Desenho de Giz, por exemplo, parceria com Abel Silva, tantaliza o público romântico, capaz de segui-lo cegamente até nos *aiiaiai* da dor de amor: “quem quer viver um amor/ mas não quer suas marcas, qualquer cicatriz/ a ilusão do amor não é risco na areia/ é desenho de giz/ eu sei que vocês vão dizer/ a questão é querer, desejar, decidir/ Aí diz o meu coração/ que prazer tem bater/ se ela não vai ouvir...”

E daí se seguem “Enquanto espero”, “Memória da pele”, “Coisa feita”, “Benguelê/Incompatibilidade de gênios”, “Granito/Jade”, “Quando o amor acontece/ Corsário”, “Linha de Passe”... E em Benguelê ele retoma homenagem antiga à companheira de início de carreira, Clementina de Jesus, *Quelé*, que o acompanhou pelo Brasil no projeto do SESC, *Pixinguinha Seis e Meia*. Com aquela entonação de preta velha, característica de Quelé, “Carreiro bebe/ caminheiro também bebe/ sinhô mandou dizer/ que não ensina boi bebê...” vai entrar como música incidental, na introdução.

De canções tão conhecidas quanto Incompatibilidade de gênios ou Linha de Passe, João consegue tirar sentidos e arranjos novos, insuspeitados. Para o bis, exigimos seu retorno batendo palmas ritmadas, como quem ordena, outro ritual costumeiro. Ele executa então o que pediam aos gritos: Papel Maché, O bêbado e a equilibrista, mas inicia por uma composição nova, Passos de Amador, versão dele e de Chico Bosco para *Fools rush in*, de Bloom e Mercer.

No meio do espetáculo uma fã indócil solicitava em altos brados que ele cantasse Papel Maché, seu maior sucesso romântico, sua marca. Ele tergiversou simpaticamente: “Calma, a gente chega lá. Mas tem que ir com calma, conversando devagar, sentando numa mesinha, tomando alguma coisa, se conhecendo melhor, a gente chega lá...” A analogia entre a sedução musical e a amorosa fica evidente, e o público aplaude com entusiasmo a inteligência maliciosa da resposta.

Ele conta uma piada sobre mineiros, o velho chavão da mineiridade, e fecha os ditos com um trocadilho novo: “Dizem que mineiro não traz felicidade”... e o CIC vem abaixo. Afinal, ali está, tornado mais competente pela invejável experiência, manipulador, sutil, sedutor, explodindo de talento e garra, um mineiro que durante duas horas nos conduz ao paraíso musical que procuramos e pelo qual pagamos. Podemos contestá-lo formalmente: há um mineiro que traz felicidade, sim. Mas não é necessário: os gritos e aplausos dizem tudo, *Obrigado, João!*